



**TRABALHOS, PROFESSORES E ROSAS: EDUCAÇÃO COMO ATO
SENSÍVEL**

Carine Josiéle Wendland¹
Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo 1- Aprendizagem, Tecnologias e Linguagem da Educação

O trabalho docente comparado nesta escrita a uma rosa, demonstra seu lado mais espinhoso, mas também o seu perfume mais agradável. O momento vivido - da educação em tempo de mudanças - exige do professor uma densidade maior no trabalho, um sofrimento que por vezes é escondido, um desânimo mascarado, um esgotamento inadiável.

O reconhecimento é um dos aspectos mais importantes para a qualidade de vida do professor, tal como uma rosa é reconhecida por suas características que a diferem de outras flores, o professor deveria ser reconhecido pelo seu trabalho. Essa busca por reconhecimento exige esforço, que na grande maioria das vezes causa esgotamento. A “ausência de reconhecimento desse esforço resulta em sofrimento, ‘devido à desestabilização do referencial em que se apoia a subjetividade’” (VIEIRA; CHINELLI apud VIEGAS, 2020, p. 264).

Tal como a rosa precisa de boas condições de solo para florescer e exalar seu melhor perfume e suas cores mais intensas, o solo ou ambiente de trabalho do educador precisa estar em boas condições. Também o tempo é fator condicionante para um bom crescimento da flor, o tempo não só do clima, mas cronológico em que o maior e essencial do trabalho do ser professor é feito individualmente, é sobretudo, um trabalho individual fora da sala de aula. Isso se dá como uma forma de defesa, afinal, o professor e especialmente a professora precisam dar conta da turma e de seu trabalho além e aquém, o que nos leva a outro espinho: o trabalho emocional.

Muitos são os espinhos que poderiam ser ainda descritos aqui. Porém, apesar de tudo, há esperança. Talvez seja o maior fator que faça com que os professores e professoras permaneçam firmes na ação de educar. Esperança na educação, esperança no humano. A mudança que se espera na esperança não brota do nada, exige o

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Bolsista CAPES-PROSUC na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

esperançar, também a rosa cresce com sementes ou galhos dela mesma. Há que assim, mais uma vez ter trabalhar, mas o trabalho de semear e cuidar de uma educação que pode ter um labor mais tranquilo e com menos sofrimento.

Para isso, reconheço, teríamos que mudar paradigmaticamente a visão que temos de escola, de professor e da própria educação, deixando de lado o conteudismo, as grades da escola que prendem o perfume da rosa, o currículo que obriga a caminhar por uma única via. Quebrando também essa linha abissal da escola, que está dividida não em norte e sul, mas em conteúdo e experiência ou talvez essência e vida.

Tendo em vista o momento pandêmico atual, em que as aulas passaram do modelo presencial à distância, percebo essa esperança a partir de uma forte presença de experiências sensíveis com a arte – que é plural - como manifestação dessas experiências no âmbito acadêmico. Nesta perspectiva, busquei entender esse fenômeno a partir de *com-versas* com quatro professores que tenho atualmente enquanto mestranda em educação. Todos são doutores, destes, dois pós-doutores. Três deles são professores na graduação e no Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul e um é professor da Universidad Privada Del Valle da Bolívia, com o qual tenho aula a partir de um intercâmbio virtual. A proposta era de conversas de cerca de 15 minutos. Parte delas aconteceu no tempo e outra parte se estendeu pela complexificação da própria arte que assume um papel muito mais rigoroso e muitas vezes desconsiderado pela própria academia.

Uma das hipóteses que levantei e que mais tarde se mostra efetivada é de que este ato de trazer o sensível através da arte para a sala de aula, seja para deixá-la mais agradável para os alunos ou para os professores é um fator determinante e pode ser um movimento para se viver uma educação mais sensível como um todo.

Eu chamaria esse movimento de poética intercultural, visto que a interculturalidade não acontece apenas no nível entre culturas, mas qualquer diálogo é intercultural, nos unimos pela linguagem. Kusch (2007) reflete que, uma vez que há diálogo, há o problema da interculturalidade.

A educação que passou do modelo de “processos burocráticos praticamente inexistentes para um modelo técnico-burocrático, caracterizado pela redução da autonomia e à organização da escola, divisão de tarefas, formas de controle, hierarquização” (HYPOLITO, 1991, p. 4) poderia permanecer apenas com a parte que diz respeito ao técnico, porém não burocrático. Entendendo técnico, a partir da técnica, do grego *techné* fazer, no sentido de produzir, mas não o produzir da produtividade

capitalista. Ao contrário, um fazer a partir da *poiesis* – *poiën*, (VALÉRY, 2007) fazer ser o que não é e assim produzir sentidos *na* e *da* educação, ou seja, a poética em sua essência.

Com isso, unindo esta poética à interculturalidade, temos um fazer dialógico, que passa a ser uma *com-versa* com outros a partir desta experiência sensível que é a arte e que nos une em linguagem.

A proposta de pensar a aproximação dos professores com a arte os fez buscar na sua própria história fatores e experiências determinantes de maneira que cada um constituiu uma narrativa, um modo de se relacionar consigo, com o mundo e com a arte. Todos têm uma aproximação muito forte com ela, para uma professora, por exemplo, a arte passa a fazer parte da vida todos os dias e nos diferentes âmbitos, inclusive e principalmente na sala de aula. Reconhece também, assim como os demais professores, que no momento atual de pandemia em que as relações passaram a ter outro formato, essas experiências têm aumentado.

Ou seja, as artes deixam de ser apenas um componente curricular que aparece em alguns momentos, e passa a ser uma “dimensão da vida”, algo que une. E assim passa-se dos espinhos às rosas. O perfume da arte se espelha e se espalha onde há educação e onde há humanos. Humanos que saibam ver o outro e qualquer forma de vida. Humanos que pensam e sentem - todos fazem isso, mas nem todos percebem esse fenômeno.

A pandemia fortaleceu esta questão,

“porque em vez de explicar as coisas, a pandemia exigiu uma interação que mostrasse as coisas, e a arte mostra, ela torna visível, então [...] nesse momento, os professores tinham que se utilizar de artefatos, artifícios que permitissem isso, porque ele não poderia ficar explicando como ele explicava no quadro negro, ele teve que sair da chave da explicação pra mostraçõ e a mostraçõ é arte, são as aparências, é o aparecer.”

Todos os pesquisadores trazem a sua experiência com a arte não somente na sala de aula, mas na vida como algo intrínseco a si.

“El arte auténtico tende puentes, entonces creo [...] que se trabajamos con arte podemos evitar el sufrimento de algunos docentes que no consiguen integrarse en el entorno de los chicos”.

Mas, *“quem foi pras redes? Foram as pessoas que sabiam fazer! Quem não sabia fazer, não foi. Quem sabia desenhar, quem sabia cantar, esses foram né [...] eu penso assim, é que as temáticas ficaram um pouco*

mais próximas de uma certa empatia, daquilo que as crianças ou os alunos não precisariam tanto da explicação”

Pude perceber a partir da fala dos professores pesquisadores que formam professores e formam formadores de professores, que a arte está ainda, em grande parte, centrada nos lugares e momentos oportunos a ela. A pandemia, contudo, abriu o leque de possibilidades e sentidos da educação. *“O que ficou também evidente é a necessidade de um professor, pra organizar as experiências”* A arte está, para alguns, no lugar que sempre precisou estar e pode, na concepção desses professores, tornar a aula mais lúdica, trazer significados simbólicos e imagéticos, possibilitar a maravilha que é a linguagem e assim, tornar o trabalho do professor menos sofrido.

O que traz sentido é a vida humana na experiência do encontro entre o conhecimento e a própria vida humana. *“No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece”* (LARROSA, 2002, p. 27). Assim, as experiências sensíveis advindas desses docentes mostram as alegrias do ser professor.

Quando algo invisível fez com que o mundo parasse, a arte que também era quase invisível, mostrou suas cores, suas texturas, seus sons, seus cheiros e seus sabores, e se tornou visível para todos sentirem. O sentir que é do sensível é por si também inteligível, ele,

portanto, sendo a ‘sensibilidade se apresentando a ela mesma’, se pesaria e se sentiria junto ao som, às imagens, às diferentes cores, texturas e densidades do mundo. Em suma, se pesaria de acordo com os sentidos, produzindo uma diversidade de acessos sensíveis, sejam eles de ordem sensorial, sensual ou sentimental. (GHETTI, 2013, p. 149)

Uma rosa não floresce sem sentido, seu sentido é atrair os nossos sentidos, o toque, o olfato, a visão. O sentido ao encontro da arte, perpassa também a epistemologia no aspecto cognitivo para um *“movimento de engajamento do corpo e suas percepções.”* (GHETTI, 2013, p. 149) O cérebro deixa de ser o único pensante, dividindo a tarefa com o corpo todo, em especial com o coração ao *“colocar na linha de mira o coração, como um órgão da percepção e do pensamento”* (HILLMAN, 2010, p. 7). Há que, portanto, corazonar a educação. Pois,

“educar não é um saber, eu não sei educar, pra mim educar é um modo de viver. É um modo de conviver, de conversar, de trocar experiências, de dizer, olha Carine eu já tive a tua idade, já me preocupei um monte e tudo, mas eu tive encontro maravilhosos com pessoas maravilhosas que me mostraram que educar é uma alegria que conviver com pessoas é ótimo, que o humano é maravilhoso, então é isso”.

A educação e também a arte são formas de viver, e os professores e professoras ao longo do tempo têm resistido. A arte em suas múltiplas facetas tem sido a manifestação dessa resistência que poderíamos chamar de poética.

Considero finalmente que necessitamos continuar pensando. “Apenas o pensamento complexo nos permitirá civilizar o nosso conhecimento” (MORIN, 2005, p. 20) e nos iniciar no mundo da escuta ao outro em suas histórias, do olhar sensível para a linguagem, muito além de um ideal estabelecido pela ciência. A arte é o pensar. E também o sentir. É exalar os melhores aromas, sabores e cores da simples e complexa rosa e do *ser* docente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Arte; Experiência sensível; Trabalho docente.

REFERÊNCIAS

GHETTI, Paola. Uma filosofia que seja o estremecer de um som: sobre o sentido em Jean-Luc Nancy. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 15, p. 147-155, out. 2013.

HILLMAN, James. *O pensamento do coração e a alma do mundo*. Tradução: Gustavo Barcellos. Campinas, SP: Verus, 2010.

HYPÓLITO, Álvaro L. M. Processo de trabalho na escola: algumas categorias para análise. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 4, p. 3-21, 1991.

KUSCH, Rodolfo. *Obras completas* - tomo III. 1. ed. - Rosário: Fundación A. Ross, v. 3, 2007.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

VALÉRY, Paul. *Primeira aula do curso de poética*. In: VALÉRY, Paul. *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2007. p. 179-192.

VIEGAS, Moacir Fernando. *Condições de trabalho e saúde dos trabalhadores docentes das escolas públicas do Vale do Rio Pardo, RS*. In: VIEGAS, Moacir Fernando; KRUG, Suzane Beatriz Frantz; SCHUH, Laísa Xavier. Estudos e reflexões sobre trabalho, educação e saúde. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020, p. 259-286.